



João do Rio, repórter da pobreza na cidade¹

Denise da Costa Oliveira Siqueira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)²

Resumo

Tendo como modelo a *Belle Époque* parisiense, o Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o XX, sofria a transição para uma ordem capitalista urbana. Nesse contexto, o escritor e repórter João Paulo Barreto - o João do Rio - vagou pela cidade, observou parcelas da sociedade que raramente figuravam nas páginas de livros e jornais. No livro *A Alma Encantadora das Ruas* dedicou um capítulo às várias formas de pobreza e exploração presentes na capital federal. A partir dessa temática, os objetivos deste artigo são abordar o texto jornalístico como mediador simbólico - reflexo de um tempo e de uma cultura - e estudar as representações da pobreza como apresentadas nos artigos de João do Rio.

Palavras-chave

Jornalismo e representações sociais; história do jornalismo; João do Rio; cidade; cultura.

1 Introdução

*Paris change! Mais rien dans ma mélancolie
N'a bougé! Palais neufs, échafaudages, blocs
Vieux faubougs, tout pour moi devient allégorie,
Et mes chers souvenirs sont plus lourds que des rocs.*
(BAUDELAIRE, 1972, p.60).

O Rio tem também as suas pequenas profissões exóticas, produto da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao baixo comércio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmiúça no próprio monturo a vida dos desgraçados. [. . .] Muito pobre diabo por aí pelas praças parece sem ofício, sem ocupação. Entretanto, coitados! O ofício, as ocupações, não lhes faltam, e honestos, trabalhosos, inglórios, exigindo o faro dos cães e a argúcia dos reporters. (BARRETO, 1991, p.24).

A epígrafe do poeta francês Charles Baudelaire, estrofe do poema *Cygne*, do livro *Les Fleurs du Mal*, trata da melancolia sentida em um momento em que a capital

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da INTERCOM.

² Professora adjunta da Faculdade de Comunicação da UERJ (da graduação, da especialização em jornalismo cultural e do mestrado). Doutora em Comunicação (ECA/USP). Graduada em Comunicação (FCS/UERJ). Editora da revista *Logos*, do PPGC/FCS/UERJ. Trabalhou por nove anos como jornalista colaboradora do caderno cultural *Bis*, da *Tribuna da Imprensa*, no Rio de Janeiro.



francesa era remodelada. O *dandy* percorria as ruas das cidades, com ar *blasé*, vestimenta cuidadosamente desalinhada e escrevia textos, poemas e sonetos nos quais o traço da mudança na cidade se reflete. O período era a segunda metade do século XIX - pouco antes do período conhecido como *Belle Époque* - que inspiraria posteriormente Walter Benjamin a escrever *Paris, Capital do Século XIX*.

O Rio de Janeiro, um pouco mais tarde, na passagem do século XIX para o XX, era marco de espaço urbano em que pobreza e luxo coexistiam. Sob o modelo de prosperidade econômica e artística da *Belle Époque* parisiense, a capital brasileira sofria a transição para uma ordem capitalista urbana. Naquele momento, começava a se constituir um mercado de trabalho industrial e urbano no Rio, assim como em São Paulo, baseado na mão-de-obra livre formada por imigrantes e ex-escravos, enquanto acentuava-se a formação de classes pobres no território urbano.

Os escritores e jornalistas se dedicavam a produzir para a abastada e restrita “elite letrada” carioca, seguindo padrões estéticos europeus e ignorando a marginalidade social. Poucas exceções, como Lima Barreto (1993), autor de *Clara dos Anjos* e *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, em que os subúrbios são mostrados e não idealizados; e Euclides da Cunha (1973), autor de *Os Sertões*, que narra sua observação sobre a Guerra de Canudos, se aventuravam a escrever sobre questões sociais que envolvessem classes menos privilegiadas economicamente.

Na contramão dos estilos, mas, também sob influência francesa, o escritor e repórter João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto - o Paulo Barreto ou João do Rio, pseudônimo inspirado em Jean de Paris - parafraseou Baudelaire e tornou-se *flâneur*, vagando pelas ruas da cidade e observando parcelas da sociedade que raramente freqüentavam a literatura e o jornalismo: anônimos que não liam e não tinham seu universo lido pelos alfabetizados.

João do Rio foi um dos poucos que, à época, escreveu sobre a pobreza na cidade. Deixou de lado o estilo “crônica de gabinete”, escrito sem averiguação de informações e optou pela ida ao campo, inaugurando a crônica moderna, misto de literatura e jornalismo e adotando como temas desde os salões elegantes da cidade até seu *bas fond*. No livro *A Alma Encantadora das Ruas* dedicou um capítulo ao tema intitulando-o de Três Aspectos da Miséria. Através de suas crônicas, com base em leituras das áreas de sociologia e história, pode-se reconstruir características da pobreza no Rio de Janeiro do início do século XX e descobrir que, sob certos aspectos, a cidade não mudou.



Os 80 anos de sua morte, completados em 2001, reacenderam a discussão sobre esse ilustre “personagem” da cidade do Rio de Janeiro, um dos pioneiros na aplicação das técnicas de reportagem e apuração no Brasil. A partir dessa constatação, este artigo tem como objetivo estudar as representações da pobreza como apresentadas no livro *Alma Encantadora das Ruas*, paralelamente, abordar a questão do texto jornalístico e seus discursos como reflexo de um tempo e uma cultura – um mediador simbólico, em um ambiente urbano de alteridade e produção cultural.

2 Jornalismo e sociedade

Figura-chave na sociedade do espetáculo e da mídia, o jornalista goza hoje de um *status* diferenciado daquele do século XIX e início do século XX. Naquela época, quando o jornalismo ainda não era considerado uma “profissão”, os cargos em redação eram geralmente ocupados por escritores que aspiravam a uma carreira política ou literária, marcando o movimento conhecido como jornalismo literário – que ocorreu na Europa e nos Estados Unidos e teve reflexos, em menor escala, no Brasil. Escrever em jornais era defender alguma causa ou ocupar um espaço que poderia dar visibilidade para passos futuros.

No célebre texto *A Política como Vocação*, Max Weber escreveu que o jornalista, assim como o advogado e o artista, escapa de qualquer classificação social precisa, “[. . .] pertence a uma espécie de casta pária que a ‘sociedade’ julga sempre de acordo com o comportamento dos seus membros moralmente piores.” (1979, p.41). O sociólogo, no entanto, consegue enxergar no fazer jornalístico uma forma de representar e refletir a sociedade e a cultura de seu tempo. De acordo com Weber,

Nem todas as pessoas reparam que, embora produzida em circunstâncias muito diversas, uma obra jornalística realmente ‘boa’ exige pelo menos tanto espírito como qualquer outra obra intelectual, sobretudo se pensarmos que, por encargo e para que surta efeitos imediatos, tem que ser realizada depressa. Como aquilo que fica, naturalmente, na memória é a obra jornalística irresponsável por causa das suas funestas conseqüências, poucas pessoas sabem considerar que a responsabilidade do jornalista é muito maior que a do sábio e que, na média dos casos, o sentido de responsabilidade do jornalista honesto não fica a dever nada ao de qualquer outro intelectual. (1979, p.41).

Nesse texto, a preocupação do sociólogo é com a relação entre imprensa e política, com o uso do jornalismo para alcançar posições dentro dos partidos políticos.



Mesmo assim, de sua análise pode-se depreender que Weber valoriza o exercício de síntese, a capacidade de relatar de forma fidedigna, que o fazer jornalístico deveria exercer. Essa valorização aconteceu em um momento em que a profissão de jornalista não ocupava espaço privilegiado dentre as demais voltadas para a escritura, daí a comparação em sentido pejorativo com os artistas (que não “produzem” para a sociedade) e os advogados (que defendem quem possa pagar por sua defesa).

João do Rio exerceu o jornalismo em um momento em que a profissão não era considerada “nobre”. De repórter de publicações como *A Cidade do Rio* - onde adotou seu mais famoso pseudônimo - e *A Gazeta de Notícias*, chegou a proprietário do jornal *A Pátria*, empresário e ocupante de uma cadeira na já celebrada Academia Brasileira de Letras, fundada por Machado de Assis, nos moldes da similar francesa. Foi fundador da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT). Tornou-se ele próprio celebridade, personalidade representativa da sociedade carioca e sua morte precoce, aos 39 anos, atraiu uma multidão de ilustres e anônimos - cerca de 100 mil pessoas acompanharam o cortejo fúnebre até o Cemitério São João Baptista, em Botafogo.

3 João do Rio e a reportagem

Entender e valorizar a obra de João do Rio (1881-1921) implica em deixar de lado os instrumentos críticos da análise literária e redescobrir sua contribuição jornalística. Por esse ângulo, João do Rio pode ser considerado o cronista e o repórter de 1900 no Rio de Janeiro. Entre suas obras estão livros de crônicas e reportagens, entrevistas, contos, um romance, peças de teatro, conferências e narrações de viagens.

João do Rio sofreu influência do realismo do português Eça de Queiroz, do inglês Oscar Wilde (de quem foi tradutor) e do francês Charles Baudelaire. Seu primeiro livro, *As Religiões do Rio*, de 1904, causou polêmica na época revelando cultos e crenças não considerados pela literatura do período. Foi seu segundo livro, *A Alma Encantadora das Ruas*, de 1908, que, no entanto, trouxe elementos mais inusitados, relevando aspectos que chocaram quem vivia no universo da *Belle Époque* carioca. Nele, João do Rio mostra uma cidade que destoa daquela divulgada pelo governo e a classe dominante e distante das representações acerca de uma Paris dos *boulevards* remodelada pelo prefeito Haussmann. Aborda temas como pobreza, vícios, drogas e outras mazelas que o ideal de modernização e higienização tentou expulsar do centro da

cidade e esconder nas periferias - em subúrbios e favelas. Também escreve sobre seu gosto pelas ruas do Rio e acerca de personagens típicos do Centro da cidade e suas profissões: homens-sanduíche (propagandistas), pintores e músicos de rua, caçadores de gatos.

Capital federal, o Rio de Janeiro era centro político, comercial e populacional. O projeto *Rio Civiliza-se*, tão divulgado por jornalistas como Figueiredo Pimentel, empolgava determinados setores da sociedade e exaltava a importação de costumes e produtos da América, e principalmente, da Europa. Seguindo essa linha de pensamento, como poderia o Rio de Janeiro, tão “semelhante” às metrópoles do hemisfério Norte, comportar a situação de miséria e insalubridade descrita por João do Rio, contrariando as idéias difundidas pela *Belle Époque*?

O jornalista não teve a pretensão de responder a essa questão, mas mostrou várias formas de pobreza encontradas na capital federal a partir do emprego de técnicas jornalísticas americanas, também importadas: a reportagem e a entrevista. Sua observação participante incentivou, no Brasil, o início da transformação da folha literária em jornal informativo. As práticas desenvolvidas por ele influenciaram o texto e a postura jornalística, como explicita Cremilda Medina:

Religiões do Rio, Alma Encantadora das Ruas, Vida Vertiginosa, Cinematógrafo, Os Dias Passam, livros que reúnem as reportagens de Paulo Barreto, oferecem, no meio de certos artificialismos estilísticos e imperfeições técnicas, aquilo que caracteriza o jornal moderno – informações. (1988, p.59).

João do Rio viveu em uma cidade em remodelação, em que a configuração se transformava. O Rio de Janeiro de 1900, das primeiras casas de chope, dos cabarés, das agremiações literárias, da Avenida Central como símbolo do *Rio Civiliza-se*, convivia com miseráveis trabalhadores da estiva explorados, mulheres mendigas e com a fome. Nas palavras de Solis e Ribeiro,

[. . .] a vida na capital federal nem sempre correspondia a imagens que, a partir de um certo momento, seriam difundidas pelos postais. Pelo contrário, as ‘maravilhas’ da cidade tropical eram privilégio da minoria que detinha alguma forma de capital e a burocracia do Estado (1985, p.46).

Em suas investigações sobre os componentes da cidade, João do Rio revelou à *Belle Époque tropical* um universo de personagens sobrevivendo em condições incompatíveis com o modelo social que alguns grupos tentavam impor. O Rio de



Janeiro foi seu assunto, cenário permanente, e os aspectos da vida cotidiana carioca nas duas primeiras décadas do século XX foram seu tema. Analisando seus textos, Luis Martins explica que

[. . .] sua obra de cronista, de repórter, de comentarista social é prodigiosa. Se no *Pall-Mall Rio de José Antonio José* (1917), foi o cronista frívolo de vida mundana, em outros livros mais sérios contou a miséria anônima das ruas, denunciou as condições miseráveis do proletariado na época e condenou a injustiça social. (1971, p.14).

A literatura do início do século XX refletia a mudança da boemia do século XIX - característica do romantismo - para o modernismo. O jornal, por sua vez, afirmava-se como produto da indústria-cultural, integrando um sistema de empresas jornalísticas e deixando de lado as defesas de causas do jornalismo panfletário da segunda metade do século XIX. A soma desses aspectos explica, em parte, o pensamento do repórter no Rio de Janeiro em transformação, com o automóvel, o cinema e o repúdio ao “ar colonial” da cidade.

As obras do prefeito Pereira Passos, o “Bota abaixo”, que começavam a urbanizar a cidade, buscavam construir uma aparência e uma imagem de metrópole moderna. Conforme associa Martins,

[. . .] a presidência de Rodrigues Alves transformara bruscamente a velha cidade imperial, de ruas tortas e estreitas, de hábitos lentos, morigerados e patriarcais, numa metrópole moderna, de largas e amplas avenidas revolucionando os costumes e criando uma nova mentalidade de progresso. A pulsação da vida atingia um ritmo de febre. (1971, p.13).

Nesse período também ocorria a adesão da intelectualidade brasileira a uma certa interpretação da teoria evolucionista. A população nativa passou a ser julgada por esses grupos como inferior e responsável pela manutenção do “ar colonial” da cidade. Esse foi, aliás, um dos argumentos empregados a fim de explicar o projeto de reconstrução da capital que, ao ser urbanizada, distanciou as classes subalternas.

4 Rio de Janeiro, 1900: cenário de pobreza e luxo

De acordo com Lícia Valladares (1991), somente no século XIX a pobreza urbana emergiu como problema maior aos olhos da elite nacional, acompanhando o processo de transição da sociedade brasileira para uma ordem capitalista e no contexto



de uma urbanização incipiente, porém, centrada num grande espaço urbano: o Rio de Janeiro (1991). Assim como ocorrera em alguns países europeus, foi a questão sanitário-higienista que propiciou, no Brasil, o despertar para as precárias condições de vida de amplos segmentos da população que passaram a viver nos centros urbanos impulsionados pela indústria.

O Rio de Janeiro, com mais de 500 mil habitantes era tão insalubre quanto Londres e Paris no século XIX, espaço propício para a proliferação de doenças. Dados recolhidos por José Murilo de Carvalho revelam que “[. . .] o Rio possuía, em 1888, 1331 estalagens e 18866 quartos de aluguel, em que moravam 46680 pessoas, incluindo todo o vasto contingente do mundo da desordem.” (1991, p.36).

A capital brasileira era infectada por epidemias de febre amarela, peste, cólera e varíola que se propagavam devido às condições de higiene da população. As habitações coletivas sem o apropriado saneamento e a falta de água contribuía para esse processo. Nesse contexto, os médicos assumiram papéis públicos determinantes e seu discurso higienista passou a ser utilizado para designar a pobreza.

O objetivo higiênico da recondução dos indivíduos à tutela do estado redefiniu as formas de convivência íntima, assinalando, a cada um dos membros da família novos papéis e novas funções. Estimulando a competição interna entre eles, freando os excessos individuais, dando novas significações aos vínculos entre homens, mulheres, adultos e crianças, a medicina higiênica formulou, enfim, uma ética compatível com a sobrevivência econômica e a solidez do núcleo familiar “burguês”. (COSTA,1989).

O discurso sanitarista abriu caminho para a intervenção sobre a pobreza gerando a proibição de construção de novos cortiços, a demolição e o fechamento de vários deles, promovendo grandes campanhas (conduzidas por Oswaldo Cruz e que acabaram provocando a Revolta da Vacina), reconstruindo corpos e culminando com a reforma urbana conduzida por Pereira Passos.

Em uma das crônicas de *A Alma Encantadora das Ruas*, João do Rio relata a visita noturna a um cortiço. O repórter narra sua incursão junto com um delegado de polícia, um cabo, dois agentes secretos, um bacharel e um diplomata a uma “hospedaria de má fama” na Gamboa. Segundo ele, “[. . .] o adido assegurava que a miséria só na Europa - porque a miséria é proporcional à civilização.” (BARRETO, 1991, p.119).

Depois de presenciar a sujeira, a falta de saneamento e o “mau cheiro intenso”, o delegado ordenou uma inspeção aos fundos do cortiço. Nas palavras de João do Rio,

[. . .] foi aí então que vimos o sofrer inconsciente e o último grau da miséria. O hospedeiro torpe dizia que por ali dormiam alguns de favor, mas pelo corredor estreito, em derredor da sentina, no trecho do quintal, cheio de trapos e de lama, nas lajes, os mendigos, faces escaveiradas e sujas, acordavam num clamor erguendo as mãos para o ar. E de tal forma a treva se ligava a esses espetros da vida que o quadro parecia formar um todo homogêneo e irreal. (1991, p.123).

A leitura positivista da república contribuía para o reforço da postura tecnocrática e autoritária. Várias medidas, irrealistas para a época, deixavam transparecer a preocupação com o controle da população marginal da cidade e dos operários que iam sendo enquadrados ao esquema da sociedade ordenada pelo trabalho.

Na crônica *As Mariposas do Luxo*, João do Rio (1991) relata o passeio das operárias saindo do local de trabalho e parando em frente às vitrines de produtos importados. “Como são feios os operários ao lado dos mocinhos bonitos!”, compara o autor. E opinando sobre as trabalhadoras: “Elas,coitadinhas! passam todos os dias a essa hora indecisa e parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mistério a Vida cruel? Trabalho, trabalho.” (1991, p. 102).

Assim, é suscitada a questão da pouca probabilidade de mobilidade social dessas mulheres. Como elas, os homens da estiva também tinham pouca (ou nenhuma) oportunidade de ascender social e economicamente. O trabalho físico intenso e o baixo valor do salário, aliados à pouca alimentação nem sempre permitiam que os imigrantes juntassem o suficiente para pagar a passagem de volta a seus países. As condições de trabalho eram precárias e não havia leis protegendo o trabalhador. João do Rio registrou o depoimento de um estivador: “Os patrões não querem saber se ficamos inúteis pelo excesso de serviço. Olhe, vá à Marítima, ao Mercado. Encontrará muitos dos nossos arreventados, esmolando, apanhando os restos de comida. Quando se aproximam das casas às quais deram toda a vida correm-nos!” (1991, p. 111).

O cronista também escreve sobre a organização dos trabalhadores na União dos Operários Estivadores e sobre os “[. . .] estatutos que defendem habilmente o seu nobre fim.” Não retrata os trabalhadores apenas como submissos, pois alguns tinham consciência das desigualdades sociais do momento. Um deles desabafa com o cronista:

O problema social não tem razão de ser aqui? Os senhores não sabem que este país é rico, mas que se morre de fome? É mais fácil estoirar um trabalhador que um larápio? O capital está nas mãos de um grupo restrito e há gente demais absolutamente sem trabalho. (BARRETO, 1991, p.110).

Em várias de suas crônicas, a pobreza é relacionada com o trabalho. A miséria dos trabalhadores no início do século no Rio de Janeiro era pungente e o autor buscava os locais onde ela se concentrava. Na Fome Negra, trecho da ilha da Conceição, aglomerava-se um grupo de trabalhadores do depósito de manganês: “O manganês, que a Inglaterra cada vez mais compra ao Brasil, vem de Minas até à marítima em estrada de ferro; daí é conduzido em batelões até às ilhas Bárbaras e da Conceição, onde fica em depósitos.” (BARRETO, 1991, p. 114).

Os trabalhadores, a maioria espanhóis e portugueses, descarregavam o minério transportado em barcos no depósito e o recarregavam do depósito para outros navios. “Moravam” na ilha e por isso, eram descontados pela “comida” e pelo barracão onde dormiam. Podiam fazer o serão noturno, receber um pouco mais por ele e, é claro, ter os devidos descontos do pão, da carne e do café servidos durante o trabalho. “Uma vez apanhados pelo mecanismo de aços, ferros e carne humana, uma vez utensílio apropriado ao andamento da máquina, tornam-se autômatos com a teimosia de objetos movidos a vapor.” (BARRETO, 1991, p. 114) observador participante, João do Rio pergunta porque não pedem a diminuição das horas de trabalho. “Para que, se quase todos se sujeitam?” responde um. Outro, por sua vez, exclama: “Há de chegar o dia, o grande dia.” (p.117).

A mudança a qual foi submetida a Capital Federal no governo do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Pereira Passos inspirava-se na remodelação de Paris. Contudo, o objetivo de fazer do Rio de Janeiro uma “Europa possível” mudando as feições coloniais da cidade, não solucionou seus problemas sociais. Higienização, saneamento, abertura de novas avenidas e obras de reforma do cais do porto não melhoraram, por exemplo, a vida das mulheres mendigas.

Em uma de suas crônicas o autor descreve parte da mendicância que habita a cidade. João do Rio escreve que entre os mendigos há profissionais de doenças falsas e coloca a questão dos limites entre verdade e malandragem. “Os homens exploradores não têm brio. As mulheres, só quando são realmente desgraçadas é que não mentem e não fantasiam.” (p. 125).

Guiado pelo mendigo Pietro Mazzoli, o cronista-repórter observou o meio da mendicidade feminina: “Há mendigas burguesas, mendigas mães de família, alugadas, dirigidas por caftens, cegas que vêem admiravelmente bem, chaguentas lépidas, cartomantes ambulantes, vagabundas, e uma série de mulheres perdidas cuja estrela escureceu na mais aflitiva desgraça.” (1991, p.126). No entanto, o número das



realmente miseráveis, segundo o cronista é maior: “Para estas basta um pão enlameado e um níquel; basta um copo de álcool para as ver taramelar, recordando a existência passada”. (1991, p.126).

São essas mulheres que, muitas vezes, geram as crianças de ruas ou “Os que começam”. Para João do Rio,

[. . .] não há decerto exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais, por criaturas indignas, e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicidade malandra. (1991, p.131).

Ao tratar desse tema, o repórter/cronista acaba por tocar em um problema social que perdura até os dias atuais. As crianças que mendigam exploradas por adultos ou vagam em grupos pela cidade vivendo às custas de pequenos (ou grandes) delitos fazem parte tanto da realidade do Rio de Janeiro contemporâneo quando da pauta de publicações e de programas de rádio e TV.

5 Considerações finais

Domesticado politicamente e tendo seu peso político reduzido pela consolidação do sistema oligárquico de dominação, o Rio de Janeiro recebeu o papel de cartão-postal da república brasileira. Enquanto as classes mais abastadas e os literatos imbuíam-se do espírito francês da *Belle Époque*, trabalhadores miseráveis, mulheres e crianças mendigas mostravam uma outra face contrastante da cidade.

Ao mesmo tempo que os poetas sonhavam viver e morrer em Paris, João do Rio percorria as ruas da cidade durante o dia ou à madrugada descrevendo cortiços e a pobreza urbana. Seus métodos não eram originais na América e na Europa, mas, no Brasil, foi o primeiro a empregar o processo de busca e apresentação da informação, num modo, até então, ignorado de impressionar e esclarecer o público.

As características marcantes de sua obra - a observação participante, o diálogo com as fontes e a contextualização - permitiram que o cronista revelasse elementos cotidianos da cidade com clareza. A descrição de tipos fúteis e de outros excluídos socialmente, João do Rio torna-se expressão de seu tempo, das transformações da cidade. A partir do estudo de seus textos e com base em outras leituras, pode-se concluir que a higienização do Rio de Janeiro apenas afastou do Centro os miseráveis, sem



solucionar os problemas sociais (uma reflexão atenta mostra que vários deles permanecem insolúveis até o presente).

O Rio de Janeiro não passou impune pela transição para a ordem capitalista urbana. Não houve emprego para todos e a má distribuição de renda continuou. Mas, tornou-se necessário mostrar que ex-escravos e estrangeiros podiam integrar-se ao mercado de trabalho e ascender, afinal, o país “entrava na modernidade”.

João do Rio escreveu sobre temas ora aristocráticos, ora populares; tratou de frivolidades como vários outros escritores-jornalistas. Mas foi singular na forma como escreveu sobre a miséria em um período e em uma cidade nos quais o leitor era, em sua maioria, de origem burguesa. Entre as críticas que recebeu estão as de escrever com artificialismo e repetição – o que parece acontecer de fato. Seu valor está, então, em descrever a capital em remodelação, não correspondendo à imagem oficial que dela era divulgada. O lado miserável da cidade aparece, então, ao lado de personagens frívolos da elite econômica e social.

Mesmo expondo suas contradições, João do Rio tinha a preocupação com o aspecto social em uma época em que o método sociológico ainda se afirmava e o positivismo era a força motriz na interpretação das Ciências Sociais. Encarando-o – e entendendo-o - como cronista que alia reportagem e drama e mistura fato, opinião e poesia, pode-se extrair de sua obra elementos exclusivos sobre costumes, medos e modismos do Rio de Janeiro no início do século XX.

Referências

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARRETO, Paulo (João do Rio). *A alma encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1987.

BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du Mal*. Paris: Larousse, 1972.

CAFÉS e Confeitarias do Rio. Direção Geral de Sonia Garcia. Roteiro de Maria Gessy de Sales. Resgate TVE. Programa exibido na TVE, em 28 set. 1997. 1 videocassete.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973. 2v.



DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos*. São Paulo: Ática, 1983.

JOÃO do Rio e a Alma Encantadora das Ruas. Programa exibido no canal GNT, em 01 e 02 mar. 2001. Roteiro e direção: Kika Lopes. Rio de Janeiro: Malagueta Produções/GNT, 2001. 1 videocassete.

MARTINS, Luis (Org.). *João do Rio: uma antologia*. Rio de Janeiro: Instituto nacional do Livro; Sabiá, 1971.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Denise da Costa. A Arte de Noticiar com Estilo: jornalismo literário sobrevive ao tempo e se mantém nos cadernos de cultura. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 12 abr., p.1, 1995. Caderno Tribuna Bis.

SOLIS, Sidney S.; RIBEIRO, Marcus V. O Rio onde o Sol não Brilha: acumulação e pobreza na transição para o capitalismo. *Revista do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 45-59, dez., 1985.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VALLADARES, Lícia. Cem Anos Pensando a Pobreza (urbana) no Brasil. In: BOSCHI, Renato (Org.). *Corporativismo e desigualdade: a construção do espaço público no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ/Rio Fundo, 1991. P. 81-112

WEBER, Max. *O Político e o cientista*. Lisboa: Presença, 1979.